

## DOMINGO V DO TEMPO COMUM

### CIC 547-550: as curas, sinais do tempo messiânico

- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (*Act 2, 22*), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado<sup>1</sup>.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou<sup>2</sup>. Convidam a crer n'Ele<sup>3</sup>. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem<sup>4</sup>. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus<sup>5</sup>. Mas também podem ser «ocasião de queda»<sup>6</sup>. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns<sup>7</sup>; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios<sup>8</sup>.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome<sup>9</sup>, da injustiça<sup>10</sup>, da doença e da morte<sup>11</sup> – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo<sup>12</sup>, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado<sup>13</sup>, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>14</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (*Mt 12, 28*). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>15</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»<sup>16</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>17</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *Lc 7, 18-23*.

<sup>2</sup> Cf. *Jo 5, 36; 10, 25*.

<sup>3</sup> Cf. *Jo 10, 38*.

<sup>4</sup> Cf. *Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.*

<sup>5</sup> Cf. *Jo 10, 31-38*.

<sup>6</sup> Cf. *Mt 11, 6*.

<sup>7</sup> Cf. *Jo 11, 47-48*.

<sup>8</sup> Cf. *Mc 3, 22*.

<sup>9</sup> Cf. *Jo 6, 5-15*.

<sup>10</sup> Cf. *Lc 19, 8*.

<sup>11</sup> Cf. *Mt 11, 5*.

<sup>12</sup> Cf. *Lc 12, 13-14; Jo 18, 36*.

<sup>13</sup> Cf. *Jo 8, 34-36*.

<sup>14</sup> Cf. *Mt 12, 26*.

<sup>15</sup> Cf. *Lc 8, 26-39*.

<sup>16</sup> Cf. *Jo 12, 31*.

<sup>17</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

## CIC 1502-1505: Cristo, o que cura

**1502** O homem do Antigo Testamento vive a doença à face de Deus. É diante de Deus que desafoga o seu lamento pela doença que lhe sobreveio<sup>18</sup> e é d'Ele, Senhor da vida e da morte, que implora a cura<sup>19</sup>. A doença torna-se caminho de conversão<sup>20</sup> e o perdão de Deus dá início à cura<sup>21</sup>. Israel faz a experiência de que a doença está, de modo misterioso, ligada ao pecado e ao mal, e de que a fidelidade a Deus em conformidade com a sua Lei restitui a vida: «porque Eu, o Senhor, é que sou o teu médico» (*Ex* 15, 26). O profeta entrevê que o sofrimento pode ter também um sentido redentor pelos pecados dos outros<sup>22</sup>. Finalmente, Isaías anuncia que Deus fará vir para Sião um tempo em que perdoará todas as faltas e curará todas as doenças<sup>23</sup>.

**1503** A compaixão de Cristo para com os doentes e as suas numerosas curas de enfermos de toda a espécie<sup>24</sup> são um sinal claro de que «Deus visitou o seu povo»<sup>25</sup> e de que o Reino de Deus está próximo. Jesus tem poder não somente para curar, mas também para perdoar os pecados<sup>26</sup>: veio curar o homem na sua totalidade, alma e corpo; é o médico de que os doentes precisam<sup>27</sup>. A sua compaixão para com todos os que sofrem vai ao ponto de identificar-Se com eles: «Estive doente e visitastes-Me» (*Mt* 25, 36). O seu amor de predileção para com os enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção particular dos cristãos para aqueles que sofrem no corpo ou na alma. Ele está na origem de incansáveis esforços para os aliviar.

**1504** Frequentemente, Jesus pede aos doentes que acreditem<sup>28</sup>. Serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos<sup>29</sup>, lodo e lavagem<sup>30</sup>. Por seu lado, os doentes procuram tocar-Lhe<sup>31</sup>, «porque saía d'Ele uma força que a todos curava» (*Lc* 6, 19). Por isso, nos sacramentos, Cristo continua a «tocar-nos» para nos curar.

**1505** Comovido por tanto sofrimento, Cristo não só Se deixa tocar pelos doentes, como também faz suas as misérias deles: «Tomou sobre Si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças» (*Mt* 8, 17)<sup>32</sup>. Ele não curou todos os doentes. As curas que fazia eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e sobre a morte, mediante a sua Páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre Si todo o peso do mal<sup>33</sup> e tirou «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29), do qual a doença não é mais que uma consequência.

<sup>18</sup> Cf. *Sl* 38.

<sup>19</sup> Cf. *Sl* 6, 3; *Is* 38.

<sup>20</sup> Cf. *Sl* 38, 5; 39, 9-12.

<sup>21</sup> Cf. *Sl* 32, 5; 107, 20; *Mc* 2, 5-12.

<sup>22</sup> Cf. *Is* 53, 11.

<sup>23</sup> Cf. *Is* 33, 24.

<sup>24</sup> Cf. *Mt* 4, 24.

<sup>25</sup> Cf. *Lc* 7, 16.

<sup>26</sup> Cf. *Mc* 2, 5-12.

<sup>27</sup> Cf. *Mc* 2, 17.

<sup>28</sup> Cf. *Mc* 5, 34-36; 9, 23.

<sup>29</sup> Cf. *Mc* 7, 32-36; 8, 22-25.

<sup>30</sup> Cf. *Jo* 9, 6-15.

<sup>31</sup> Cf. *Mc* 3, 10; 6, 56.

<sup>32</sup> Cf. *Is* 53, 4.

<sup>33</sup> Cf. *Is* 53, 4-6.

Pela sua paixão e morte na cruz, Cristo deu novo sentido ao sofrimento: desde então, este pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora.

### **CIC 875, 1122: a necessidade da pregação**

**875** «Como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem que alguém o anuncie? E como hão-de anunciar, se não forem enviados?» (*Rm* 10, 14-15). Ninguém, nenhum indivíduo ou comunidade, pode anunciar a si mesmo o Evangelho. «A fé surge da pregação» (*Rm* 10, 17). Por outro lado, ninguém pode dar a si próprio o mandato e a missão de anunciar o Evangelho. O enviado do Senhor fala e actua, não por autoridade própria, mas em virtude da autoridade de Cristo; não como membro da comunidade, mas falando à comunidade em nome de Cristo. Ninguém pode conferir a si mesmo a graça; ela deve ser-lhe dada e oferecida. Isto supõe ministros da graça, autorizados e habilitados em nome de Cristo. É d'Ele que os bispos e presbíteros recebem a missão e a faculdade (o «poder sagrado») de agir *na pessoa de Cristo Cabeça* e os diáconos a força de servir o povo de Deus na «diaconia» da Liturgia, da Palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e com o seu presbitério. A este ministério, no qual os enviados de Cristo fazem e dão, por graça de Deus, o que por si mesmos não podem fazer nem dar, a tradição da Igreja chama «sacramento». O ministério da Igreja é conferido por um sacramento próprio.

**1122** Cristo enviou os Apóstolos para que, «em seu nome, pregassem a todas as nações a conversão para o perdão dos pecados» (*Lc* 24, 47). «Fazei discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). A missão de baptizar, portanto a missão sacramental, está implicada na missão de evangelizar; porque o sacramento é preparado pela *Palavra de Deus e pela fé*, que é assentimento à dita Palavra:

«O povo de Deus é reunido, antes de mais, pela Palavra de Deus vivo [...]. A pregação da Palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, enquanto são sacramentos da fé, que nasce e se alimenta da Palavra»<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 4: AAS 58 (1966) 995-996.